



# Vida Anglicana em missão

Consulta Internacional da EFAC

EFAC

# **Vida Anglicana em Missão**



LATIMER PRESS

# **Vida Anglicana em Missão**

EFAC

**Diagramação e capa:** Latimer Press

~~~~~

TODOS os direitos reservados.

Você tem permissão de livre uso desse material, e é incentivado a distribuí-lo, desde que sem alteração do conteúdo, em parte ou em todo, em qualquer formato: em blogs e sites, ou distribuidores, pede-se somente que cite o fonte “Igreja Anglicana Reformada” como fonte, bem como o link do site <http://igrejaanglicana.com.br>

Caso você tenha encontrado esse arquivo em sites de downloads de livros, não se preocupe se é legal ou ilegal, nosso material é para livre uso para divulgação de Cristo e do Evangelho, por qualquer meio adquirido, exceto por venda. É vedada a venda desse material.

# VIDA ANGLICANA EM MISSÃO

## Preâmbulo

1. Reunimo-nos na segunda Consulta Internacional (a primeira foi em 1993) da Fraternidade Evangélica na Comunhão Anglicana (EFAC), 140 homens e mulheres de 28 países ao redor do mundo, em Limuru, Quênia, de 12 a 18 de julho de 2003. Nosso encontro era parte da celebração do centésimo aniversário da Faculdade Teológica Unida São Paulo em Limuru, uma das mais respeitadas instituições teológicas do Leste da África. Fomos calorosamente recepcionados pelo Primaz da Igreja Anglicana de Quênia, Revmo. Benjamim Nzimbi.

A Consulta foi encorajada por uma mensagem do Arcebispo de Cantuária, Dr. Rowan Williams, quem, em orando por nosso encontro, nos exortou com essas palavras:

*“Relacionar o Evangelho do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo às nossas diferentes culturas é nosso constante desafio missionário. Eu muito valorizo a vossa fraternidade no fazer conexões entre a Palavra e o mundo, e na proclamação das Boas Novas em diálogo com outros. Oro para que Deus vos garanta sabedoria em vossas discussões, alegria em vossa fraternidade e encorajamento no vivenciar a Grande Comissão, de ir a todo o mundo para tornar possível que outros possam se tornar discípulos de Cristo.”*

Também recebemos congratulações do Rev. Dr. John Stott, o fundador da EFAC, na qual ele declara:

*“Parece-me, nesses dias correntes de crise na Comunhão Anglicana, que a EFAC é mais necessária do que nunca. Espero e oro para que vocês possam, com clareza, planejar o futuro.”*

A Consulta foi desafiada e encorajada por quatro estudos bíblicos expostos pelo Presidente da EFAC, o aposentado Arcebispo de Quênia, Dr. David M. Guitari.

2. A Consulta foi marcadamente inclusiva e amplamente representativa da Comunhão Anglicana mundial. Os participantes vieram de diferentes Províncias, de todos os Continentes, e incluíam bispos e arcebispos, bem como educadores teológicos e líderes leigos, unidos por compromisso com uma teologia missionária. É significativo que anglicanos evangélicos possa, se reunir em confiança, vindo de tantos países, um fato que é tão diferente do tempo quando John Stott fundou a EFAC há mais de quarenta anos.
3. O título da Consulta Vida Anglicana em Missão, reflete o nosso desejo de compreender e praticar a missão que Cristo entregou à sua Igreja, dentro da fraternidade da Comunhão Anglicana. Celebramos e nos regozijamos com o expressivo crescimento das Igrejas em muitas Províncias, e do dramático crescimento em alguns lugares. Mesmo em contextos de conflito, perseguição e sofrimento agudo, a Igreja tem registrado crescimento significativo. A existência da Comunhão Anglicana como uma fraternidade mundial é o resultado de vários séculos de missão. A natureza missionária da nossa Comunhão permanece essencial para o nosso propósito e auto- identificação. Escutamos, por exemplo, que foi o caráter compassivo missionário da Igreja Anglicana na América Latina que a tornou atraente

para muitos em comunidades indígenas e urbanas, e continua a ser uma marca definitiva de sua identidade no presente.

4. Encontramo-nos grandemente enriquecidos pela experiência dos cristãos cuja identidade anglicana é forjada no contexto das suas lutas com: a pobreza, a injustiça, a marginalização e a incompreensão cultural. Como anglicanos, compartilhamos uma herança comum de história, doutrina, liturgia e ordem, uma herança que define as fronteiras da nossa comunhão. Não obstante, nos regozijamos e afirmamos a pluralidade de identidades anglicanas que são criadas pelo encontro entre herança e contexto. Dessa maneira, nossa identidade como anglicanos floresce da nossa vida em missão.
5. A missão da Igreja Anglicana é levada a cabo em um contexto global doloroso. Estamos profundamente conscientes da epidemia do HIV / AIDS, das guerras, dos conflitos étnicos e religiosos, do comércio de armamento e do desalojamento de um número vasto de pessoas, das práticas comerciais incorretas, da dívida externa e da contínua pobreza econômica de milhões, dos efeitos negativos da globalização, da corrupção e da falta de ética e transparência das corporações, da destruição ecológica, da crescente ameaça do terrorismo e da falta de respeito para com o Direito Internacional. Reafirmamos que a missão bíblica é intrinsecamente holística, requerendo uma profunda consciência desses temas, e inclui o trabalhar pela justiça, bem-estar e transformação em todas as áreas da vida.
6. A agenda da nossa Consulta foi determinada por algumas dessas urgentes preocupações concernentes à missão, como

elas são vivenciadas em diferentes países dos quais somos originários. Sete grupos de interesse foram escolhidos para representar uma ampla gama de assuntos. Foram eles:

- Identidade anglicana e missão;
- Verdade e vida em missão;
- Missão, pluralidade e pluralismo;
- HIV/AIDS e a missão da Igreja;
- Conflito, sofrimento e missão;
- Missão e sexualidade humana;
- Parceria para a missão.

Em cada um desses grupos de interesse consideramos monografias e estudos de caso, refletindo sobre os temas teológicos por eles suscitados, e buscando discernir futuras saídas e tarefas apropriadas para a nossa Comunhão Anglicana. Nas sessões plenárias, em conjunto, os componentes dos grupos de interesse apresentavam as suas conclusões em muitas maneiras criativas e poderosamente tocantes, incluindo histórias, testemunhos pessoais, música, drama e orações de lamento. É impossível reproduzir em um documento a energia, emoção e o poder dessas apresentações. Este documento foi gerado a partir do trabalho dos grupos de interesse e das sessões plenárias realizadas durante o decorrer da Consulta, foi formatado e concordado por todos os participantes e oradores dentro da voz coletiva da EFAC internacional.

7. O cristianismo foi fundado sobre a revelação plena e final de Deus em Cristo e nas Escrituras. A verdade cristã não é nem algo elaborado por nós mesmos, nem algo que nós arrogantemente nos julgamos credores. Somos

simplesmente testemunhas do que Deus tem revelado. Há uma verdade objetiva que nos confronta a todos nós, a qual recebemos com humildade (porque seres humanos finitos não podem perceber totalmente ou plenamente essa verdade), e com gratidão (porque é somente pela graça de Deus que temos acesso à verdade de Deus). Por conseguinte, evitamos abordar os outros com uma atitude de superioridade ou rejeição.

8. Jesus anunciou a chegada do Reino de Deus e disse: “Sigam-me, e vos farei pescadores de homens e de mulheres”. O convite do Evangelho é o fundamento da Igreja, e os seus membros são aqueles que, através do batismo, aceitam o chamado para serem discípulos de Jesus, para obedecer a seus mandamentos, e se engajar na missão em seu nome.
9. Não obstante reconhecemos que alguns discípulos de Jesus Cristo não pertencem à Igreja institucional. Eles confiam em Jesus como Salvador e Senhor, e agem de acordo com essa crença, mas por razões pessoais, culturais ou políticas não podem declarar a sua fé abertamente. Eles verdadeiramente adoram a Deus, o Pai de Jesus Cristo, mas podem ecoar o clamor de Naamã e buscar a resposta de Elias (2 Rs.5:17- 19). Deus nos chama para orar fervorosamente por pessoas como essas.
10. Em celebrando a Vida Anglicana em Missão, afirmamos que ambas a vida e a missão da Igreja devem ser fundamentadas na obediência à verdade tal como recebida através de Cristo e das Escrituras que dá testemunho dEle. Aquele que disse: “Sigam-me”, também disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. Seguir a Jesus, portanto, demanda compromisso com Ele como a verdade, e



obediência a Ele como Senhor. Nossa resposta incluirá viver a partir da verdade (discipulado: incorporar a verdade (santidade); proclamar e explicar a verdade (evangelismo e apologética), e guardar a verdade (ensino bíblico e disciplina eclesiástica).

11. Entre muitas áreas onde a obediência à verdade é de grande importância, consideramos a crise ecológica. Afirmamos as verdades bíblicas de que a terra é do Senhor, e que nós somos chamados a cuidar de tudo o que Deus criou através de Cristo e para Cristo, isso implica tanto em urgência apologética quanto em poder evangelístico para a presente geração.
12. Um dos defeitos mais visíveis na Igreja de hoje é a falha quanto ao discipulado. Tem-se observado que muitos desejam Jesus como Salvador (curador, provedor, solucionador de problemas etc.), mas não se submetem a Ele como Senhor. Um convertido que não é um discípulo ainda não tem absorvido plenamente a verdade do Evangelho. Cremos que muito da confusão contemporânea na Igreja é causada pela falta de vontade em se ser dirigida pela verdade. Um papel crucial do episcopado histórico, desde suas raízes no Novo Testamento, tem sido guardar a fidelidade da Igreja à verdade. O Ordinal nos lembra que os bispos devem ser servos de Cristo, da Verdade e da Igreja. Deploramos a demonstração de autoritarismo de parte de alguns bispos que parecem não querer ser responsáveis perante ninguém, a não ser a sua própria consciência.

### **Missão, Pluralidade e Pluralismo**

13. Na própria narrativa da Bíblia, a missão do povo de Deus foi estabelecida no meio da pluralidade de religiões e

culturas da antiga Ásia Oriental e do mundo mediterrâneo do primeiro século. A Igreja em muitas partes do mundo, na maior parte da sua história, tem vivido entre pessoas de muitas religiões, e, ao mesmo tempo, sustentado a integridade do testemunho cristão no meio dessas pluralidades religiosas.

14. A Bíblia afirma que “o Senhor é Deus acima no céu e embaixo na terra, e não há nenhum outro” (Dt.4:39), e que “não há nenhum outro nome (senão o de Jesus) pelo qual possamos ser salvos” (At.4:12). A partir de tais textos os cristãos falam da unicidade do Deus revelado na totalidade da Bíblia. Ele é o único verdadeiro Senhor Deus de Israel e Criador do universo, e tornou-se encarnado unicamente e exclusivamente na pessoa de Jesus de Nazaré. Os pluralistas religiosos comprometem a linguagem da unicidade, quando afirmam que cada “deus” ou religião é único à sua própria maneira. Tal ponto de vista relativizado da unicidade é um “Cavalo de Tróia” do pluralismo. Não obstante, as Escrituras são claras: não há nenhum outro Deus que salva (Is.43:11,12), e não há nenhum outro ser que possa legitimamente ser adorado, do que o Deus revelado em Jesus Cristo.
15. Observamos que em alguns contextos missionários é preferível e necessário enfatizar a finalidade de Cristo. Jesus é a revelação final é insuperável, e o todo do Antigo e do Novo Testamentos trazem testemunho dele como tal. Contudo a essência do Evangelho é o seu poder para derrubar barreiras entre seres humanos de culturas em conflito e reconciliá-los com Deus por meio da cruz (Ef. 2:14-18). Por meio do nosso engajamento com outros na missão, Cristo se torna manifesto em cada uma das culturas

humanas, e nós aprendemos mais e mais da plenitude de Cristo, do qual as Escrituras testificam.

16. No contexto da pluralidade de religiões, afirmamos que só há um Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, por meio do qual todos os seres humanos foram criados e quem somente deve ser adorado. Reconhecemos que há mistério na trindade (I Tm.6:15,16; Rm.11:33-36), mas não há nenhum mistério ou transcendência aquém ou além desse Deus. Deus, a Trindade, nos chama à comunhão com Ele, e nos envia como co-operadores com Ele na Igreja na tarefa de trazer outros à mesma comunhão.
17. A cruz de Cristo é o preço dessa comunhão. Porque na cruz Deus tomou sobre si mesmo no Corpo do seu Filho o pecado que nos aliena da comunhão com Deus e uns com os outros. Pela cruz somente somos capazes de nos aproximarmos de Deus. Por meio da cruz somente há perdão e salvação para todos os seres humanos que se voltam para Deus em arrependimento e fé. Qualquer sistema religioso que anula a cruz nunca pode nos satisfazer: mesmo elas contenham muitas expressões do belo e do verdadeiro, elas se tornam em pedra de tropeço no único caminho que pode nos conduzir a Deus. Por essas razões continuaremos a enfatizar a centralidade da cruz em cada dimensão da missão que Deus nos confiou.
18. O Novo Testamento consistentemente afirma a soberania de Cristo como o Deus da criação, e também celebra a rica diversidade de tudo que Deus fez através de Cristo e para Cristo (Cl.1:16). Deus ama a diversidade. Contudo, essa pluralidade que Deus criou para ser harmônica, tem sido fatiada pelo pecado e transformada em divisão e conflito. Distinguimos, assim, pluralidade (um fato da criação de

Deus) de pluralismo religioso (uma ideologia de validação de todas as religiões). Por nos colocar nesse mundo de pluralidade, Deus nos compele a nos relacionar com os outros, para que nós aprendamos a nos relacionar com o próprio Deus.

19. Deus fala aos seres humanos em sua língua vernácula e em sua cultura - embora sua palavra também corrige e reprova todas as culturas. Precisamos distinguir e discernir em cada cultura o que é aceitável e o que deve ser mudado com o passar do tempo, e que necessita ser confrontado e mudado agora. A fronteira de uma cultura não é somente outra cultura, mas, em última análise, o próprio Deus. Deus cruzou as fronteiras culturais quando assumiu a carne humana em Cristo, e continua a assim fazer onde quer que o Evangelho se enraíze em novas culturas.
  
20. Engajamo-nos em missão em um mundo que contém tanto a pluralidade que nós afirmamos e o pluralismo que nós rejeitamos. Deus nos chama a participar em sua missão pela escuta humilde e fala graciosa “Dê a razão da esperança que há em vós”. Mas o faça com gentileza e respeito (I Pd. 3:15). Deus quer que nós verdadeiramente nos engajemos com as pessoas de outras fés, abrindo os nossos corações e os nossos pensamentos para eles como seres humanos criados à imagem de Deus. Algumas vezes Deus nos surpreenderá pelo que nós aprendemos por meio do encontro com aqueles que não são seus discípulos. Em todos os tempos, contudo, devemos destacar a verdade de Deus em Cristo. Como cristãos, somos chamados a exercitar o dom do discernimento e estarmos preparados para fazer julgamentos. O livro de Jonas nos lembra que se a palavra de julgamento não for pronunciada, não haverá oportunidade para a graça do arrependimento. Não há

inclusão na família de Deus sem a graça, o arrependimento e a fé. Mas o livro de Jonas também nos exorta contra um espírito estreito que rejeita a graciousidade, a inclusividade e o, às vezes, surpreendente trabalho de Deus entre aqueles de quem diferimos.

## **Missão e Sexualidade Humana**

21. De acordo com Gênesis 1 e 2, Deus criou os seres humanos: macho e fêmea, diversos e complementares. Escutamos o grito de alegria de Adão ao encontrar Eva. “Aqui, finalmente, é alguém osso dos meus ossos, e carne da minha carne”. A Bíblia declara que a sexualidade é boa criação de Deus para ser celebrada, o que a união sexual é uma dádiva de Deus para ser gozada exclusivamente dentro dos vínculos do matrimônio que une marido e mulher (Gn. 2:23,24).
22. A dádiva da sexualidade, como todas as dádivas de Deus, deve ser usada de acordo com os mandamentos de Deus. O sexo tem um poder particular sobre os seres humanos. A santidade sexual permite que esse poder seja usado para o bem, a desobediência e a falta de santidade são correspondentemente desastrosas. A elaboração bíblica e teológica da compreensão tradicional sobre a sexualidade humana tem sido bem feita em vários lugares (por exemplo, na publicação, “Verdadeira União em um Corpo?” e na monografia escrita por Andrew Birk, ambos disponíveis na página [www.anglican-mainstream.net](http://www.anglican-mainstream.net) e não necessita ser repetida aqui).
23. A Igreja em cada lugar e em cada época tem uma missão à cultura que a cerca. No Ocidente, valores da liberdade humana e do individualismo têm dominado a cultura. Entre

as conseqüências estão o enfraquecimento da vida familiar e o abandono da autodisciplina. A Igreja em missão chama as pessoas para que abandonem o que é distante de Deus em sua cultura. Quando os seres humanos abandonam a santidade sexual, a Igreja deve adverti-los sobre o julgamento de Deus sobre isso, assim como todos os pecados, e ajudá-los a retornar aos caminhos de Deus. Uma declaração de uma das Províncias Anglicanas fala por todos nós:

*“Afirmamos que... o adultério, o sexo fora do casamento e as uniões homossexuais são contrários aos propósitos de Deus para a humanidade. Semelhantemente, deploramos a homofobia, a hipocrisia e o abuso sexual, e buscamos tomar consciência e superar tais pecados. Em um amor a todo custo devemos apoiar aqueles que são suas vítimas.”*

*“Em nossa Província também somos confrontados por todo tipo de tentação, mas não podemos permitir que a vontade de Deus para nós seja controlada pela atitude da cultura que nos rodeia. A autoridade do próprio Cristo através das Sagradas Escrituras deve ter autoridade sobre toda cultura.”*

A mesma posição é afirmada em outros documentos tais como a “Declaração de Kuala Lumpur” e “Declaração do Dia de Santo André”.

A missão fiel e frutífera incluirá a proteção e a promoção de matrimônios sólidos, famílias sadias e a santa solteiridade.

24. Reunimo-nos em um tempo de tensão e de debate na Comunhão Anglicana mundial no que diz respeito ao tema

da prática do homossexualismo. As ações de uns poucos bispos e Sínodos ao redor do mundo tem posto em questão a fidelidade anglicana à autoridade das Escrituras, à natureza e responsabilidade da liderança eclesiástica e a unidade da Igreja. Membros de nossa Consulta nos relataram como os eventos da América do Norte e da Inglaterra têm solapado sua credibilidade com os seus vizinhos, ambos cristãos e não-cristãos. Não poderíamos nos furtar de fazer alguns comentários sobre esse assunto do dia, que está sendo amplamente debatido tanto nas Igrejas rurais de Quênia, quanto em Oxford ou Vancouver.

25. Reafirmamos a Resolução 1.10 da Conferência de Lambeth, de 1998, e o nosso apoio àqueles anglicanos que a respaldam. Recebemos com gratidão a Declaração do Encontro de Primazes, de 2003, unanimemente condenação a benção de uniões do mesmo sexo. Também saudamos as subseqüentes declarações sobre sexualidade e liderança eclesiástica feita por não menos do que dezessete Primazes Anglicanos no contexto da declaração de reconhecimento de quebra de comunhão pelo bispo de New Westminster, por sua ação em desafiar a Resolução de Lambeth. Relembramos a ação recente do Arcebispo de Cantuária e seus apelos em defesa da unidade, da missão e das relações ecumênicas:

- Registramos nossa forte apreciação pela firme ação do Arcebispo de Cantuária na Província de Cantuária;
- Apelamos firmemente para que a Convenção da Igreja Episcopal dos Estados Unidos da América não ratifique a eleição de Gene Robinson como bispo de New Hampshire, nem que aprovem qualquer moção que permita a benção de uniões do mesmo sexo;

- Apelamos firmemente para que o Sínodo e o Bispo de New Westminster revejam sua decisão de abençoar uniões do mesmo sexo;
- Conclamamos toda a Igreja a proteger as pessoas, as propriedades e a continuidade ministerial das Igrejas nessas jurisdições, e em outros lugares, que se encontrem sob ameaça por sustentarem um ensino ortodoxo.

26. As recentes controvérsias têm ameaçado dividir a Comunhão Anglicana. Declaramos a nossa solidariedade a essa família de Igrejas a qual pertencemos. Permaneceremos leais à nossa herança histórica, ao mesmo tempo em que estamos prontos para enfrentar os desafios de hoje. Por causa desse compromisso com a ortodoxia, a unidade, e a missão ininterrupta, esta Consulta calorosamente recomenda e apóia plenamente os movimentos e as iniciativas que apóiem os ensinamentos ortodoxos que dizem respeito à sexualidade humana. Estamos convencidos que nosso ponto de vista representa o centro majoritário da Comunhão Anglicana. Lamentaríamos profundamente a saída de qualquer membro da Comunhão em consequência dessa ação continuada de revisionismo antibíblico em doutrina e em prática.

27. Conclamamos o Arcebispo de Cantuária, e todos os Primazes, para que estabeleçam, o mais breve possível, procedimentos adequados para a preservação da ordem correta na Comunhão Anglicana. Cremos que a Igreja deve lançar mão dos meios apropriados que efetivamente discipline aqueles líderes anglicanos que agem em desafio às Escrituras e à vontade da Comunhão, tal como expressa em Lambeth 1998. A Comissão Teológica e Doutrinária



Inter-Anglicana tem sido requerida pelo Encontro dos Primazes para oferecer assessoria sobre propostas contidas na publicação Para Emendar a Rede. Apelamos fortemente para que a Comissão possa dar, com a máxima brevidade, considerações sérias a esse texto ou meios alternativos para assegurar a disciplina e a ordem. A situação tal como tem surgido nos força a demandar mais disciplina na Igreja, porque é vital que a missão da Igreja seja em frente sem obstáculos perturbadores.

28. Entramos, com tranqüilidade, em diálogo com aqueles que se identificam como homossexuais. Foi sugerido em nossa Consulta que em assim fazendo podemos aprender da nossa experiência do diálogo com aqueles de outros pés. Entrar em diálogo não indica qualquer dúvida acerca da verdade revelada na Bíblia. Antes indica a nossa vontade de encontrar e conhecer esses parceiros de diálogo como pessoa e não sua caricatura ou estereótipo. Aproximamos deles no amor de Cristo. No lugar de discriminá-los como uma classe separada de pessoas, nos engajamos com eles pastoralmente. Como homens e mulheres, que experimentam atração por membros do mesmo sexo, e que, como todos nós, necessitam da graça de Deus para viver em santidade. É a missão da Igreja tornar a graça de Deus conhecida por eles. A Igreja já inclui muitos membros que são atraídos por pessoas do mesmo sexo, mas que vivem em castidade, seguindo os mandamentos de Deus.

### **HIVA / AIDS e a Missão da Igreja**

29. O problema da HIV / AIDS desafia mundialmente toda a Igreja como um problema inescapável que devemos enfrentar. Embora a sua disseminação atinja algumas partes do mundo mais do que outras. Sabemos que todo o Corpo

de Cristo sofre juntamente com qualquer dos seus membros. As Igrejas em algumas das áreas mais pobres do mundo estão sendo simplesmente atingidos e devastados por essa pandemia. Quase todas as pessoas presentes na Consulta tinham parentes ou amigos infectados ou afetados pelo HIV / AIDS. Testemunhos pessoais de alguns dos nossos participantes que tinha sofrido diretamente a dor, a confusão e o estigma dele resultantes, fez o problema atingir os nossos corações. A disseminação da infecção é devido a uma ampla gama de fatores. Esses certamente incluem a imoralidade sexual, mas também incluem as guerras (que causam deslocamentos massivos de pessoal para “acampamentos”) e seus ambientes antinaturais e o estupro sistemático como instrumento de terror, fatores culturais (tais como práticas rituais, levirato, circuncisão masculina e mutilação com instrumentos infectados), fatores médicos e sociais (tais como abuso de drogas com agulhas infectadas, múltiplo compartilhar de preservativos por causa da pobreza e operações com instrumentos não esterilizadas), e, o mais triste de tudo, sexo marital com um cônjuge infectado, e a contaminação do feto no ventre.

30. Participantes de partes do mundo onde o HIV / AIDS é de alto índice confessaram que a Igreja ali tem respondido lentamente a uma forma adequada a essa crise crescente. A Igreja tende a passar por três estágios: o primeiro, o fundamentalismo (quando falha em reconhecer que muitas pessoas são infectadas não por sua culpa, mas por circunstâncias nas quais elas são as vítimas); em segundo lugar, a apatia (“não há nada que possamos fazer”); em terceiro lugar, a elaboração de uma resposta aos necessitados, mas sem os recursos adequados para tanto. Contudo, nos sentimos encorajados ouvindo os testemunhos de algumas Dioceses e Igrejas que estão

passando para o quarto estágio, aquele de uma resposta de todo o coração, com uma forte base bíblica de compaixão e justiça.

31. Tais iniciativas incluem os seguintes exemplos do que escutam:

- um internato diocesano que reserva 75% de suas vagas para órfãos da AIDS;
- uma união de mães expressando o seu amor pelos enfermos visitando-os, alimentando-os, e lavando as suas roupas, alimentando e ensinando os órfãos da guerra e da AIDS, e vendendo itens para arrecadar fundos;
- uma Diocese treinando professores para ensinar o currículo do governo sobre HIV/ AIDS, providenciando aconselhamento aos infectados e afetados, enfatizando, especialmente, a importância do teste;
- um Serviço Diocesano de Evangelho e Desenvolvimento da Saúde, com programas de empréstimos, bolsas de estudo para as pessoas portadoras, ensino às mulheres nas vilas, ajuda às pessoas para que consigam as drogas antiviral, pagamentos de testes, persuadindo médicos cristãos para que ofereçam cuidados gratuitos;
- o equipar de 400 Igrejas em 20 grupos regionais para cuidarem de 10.000 pessoas infectadas e afetadas pelo HIV / AIDS, treinando 25 treinadores por meio de cursos de mestrado em cuidado pastoral de portadores de HIV / AIDS, oferecido pelo MAP Internacional, do Centro de Oxford para Estudos

sobre a Missão, e pela Faculdade Teológica São Paulo, em Limuru, Quênia.

32. A Igreja deve ir além da compaixão e da educação, antes preencher as lacunas na defesa dos infectados e dos afetados pelo HIV / AIDS, diante da exclusão social e da negação de direitos. Há um papel de advocacia legal para a Igreja nessa situação. O compromisso com a missão holística significa posicionar-se na defesa, proteção e apoio às vítimas da AIDS (especialmente as viúvas, algumas vezes contra os parentes dos seus falecidos maridos). Deus é um Pai para os sem pais; um defensor das viúvas (Sl.68:5; 146:9), e a Igreja deve encarnar essa realidade do amor de Deus. A Igreja também deveria se envolver em uma campanha agressiva de conscientização e esclarecimento, nos púlpitos, nas escolas e nos seminários.
33. Reconhecemos, ainda, a necessidade de uma reflexão teológica mais profunda, em relação a esse tema específico, sobre a morte e o morrer, sobre o sofrimento e o pecado, sobre a oração e a cura. Pessoas que não conhecem a Cristo, e mesmo muitos na Igreja, fazem face à perspectiva de uma doença terminal com temor. No seu desespero, eles muitas vezes se voltam para o ensino da “Teologia da Prosperidade”. Tais ensinamentos podem, automaticamente, atribuir o seu sofrimento ao seu pecado pessoal (em desafio a fé, Lucas.13:1-5, e João.9:1-3), ou podem prometer alívio dos seus sofrimentos em troca do “milagre das orações”, ou mesmo doações para a Igreja. Nesse contexto devemos declarar a graça perdoadora e o poder curador de Cristo. Isso conduz a uma completude que vai além da cura física, embora possa, pela graça de Deus, o incluir.

## **Conflito, Sofrimento e Missão**

34. Aqueles que tomaram parte no grupo de interesse da Consulta sobre sofrimento impactaram todos nós em sua apresentação no plenário. Sua apresentação foi feita à base de orações, lamentos e petições a Deus. Escutamos os clamores, o choro por si mesmos e por aqueles que se encontram em conflito e vítimas do ódio e da hostilidade. Os presentes não estavam “representando”, mas testificando. Suas lágrimas eram lágrimas reais, que nos permitiam compreender a confusão e o desespero dos que se sentem abandonados por Deus diante dos seus inimigos. E, mesmo assim, palavras de adoração e triunfo saíam de suas lágrimas.
35. Por meio da oração tão tocante quanto o clamor dos Salmos, sentimos a dor prolongada dos cristãos do Sudão, cujas terras caíram sob o controle de um Estado Árabe e Islâmico agressivo, enquanto o resto do mundo e a Igreja parecem não querer ver o que acontece. Mas, então, fomos expostos à prostração de um mulçumano que honra a Jesus, mas é repellido por uma Igreja que parece pregar blasfêmia e falar de amor enquanto o trata como um terrorista. Choramos com o horror e a angústia de uma mulher de Uganda que viu sua família ser destruída e seus filhos transformados em matadores. Ouvimos o coração partido e questionador de uma mulher judia, cuja família, há sessenta anos, ainda vive as sombras de Auschwitz. Lamentamos saber que a beleza da região dos grandes lagos da região central da África tem sido desfigurada pela guerra civil. Ficamos chocados em ouvir como a esperança de cristãos é obliterada pela corrupção e mundanismo de um dos seus líderes.

36. Testemunhamos que a poderosa liberação de emoções para Deus é um passo importante na direção da missão em situação de conflito, porque primeiro se reconhece nossa natural tragédia e terror, e, então, nos conduz à cruz, onde Cristo derrotou a hostilidade entre grupos em conflito (Ef. 2:11). A essência da cruz foi a agonia de Cristo cedendo as conseqüências das fraquezas humanas. Nossa aceitação de uma parcela em que compartilhamos as conseqüências em favor da missão evidencia Cristo em nós (Cl.1:24-27).
37. Esse grupo de interesse foi convocado por uma equipe da Nigéria, onde há conflitos sobre a imposição da Lei Sharia, e onde cristãos têm experimentado muito sofrimento nas mãos de muçumanos. Escutamos com tristeza que, após muito “oferecer a outra face”, alguns cristãos começaram a responder com hostilidade, e que muçumanos, bem como cristãos, têm sido mortos. Tais tensões são em graus variados, conectado com o aumento de formas militantes de Islamismo, que são ativamente hostis para com os cristãos, em um número de Províncias na Comunhão Anglicana. São situações complexas. Muçumanos, bem como cristãos, refletem tanto a bondade da imagem de Deus e os efeitos pecaminosos da Queda. Muçumanos, tanto quanto cristãos, sofrem terrivelmente dos efeitos da militância. Para estudos mais aprofundados do assunto, recomendamos os estudos da Consulta da Rede de Recursos Teológicos da EFAC, reunida em Jos, Nigéria, em julho de 1999 sobre sofrimento e poder nas relações muçumano-cristão, publicados pela Revista *Transformation* (2000). Reiteramos a necessidade para os cristãos estudarem o Islamismo e fazerem maiores estudos teológicos sobre o assunto, nesse contexto, dos conceitos de territorialidade e estado, e para os nossos líderes desenvolverem um papel profético.

38. Conquanto que o sofrimento e a opressão possa enfraquecer a Igreja, e conquanto o aumento da violência possa ferir nossas comunidades locais, os membros do grupo de interesse relataram várias situações em que a Igreja cresce em número e em compromisso em situações de conflito. Mesmo o martírio, quando ocorre, não é um desastre, mas um privilégio que Deus assegura a alguns dos seus servos, e pode conduzir ao crescimento da Igreja.
39. Contudo, necessitamos distinguir, cuidadosamente, entre o sofrimento que deve ser bravamente carregado para o bem de Cristo, e o mal que é firmemente resistido em seu nome. Todos os governos devem prestar contas a Deus, assegurar a proteção real e efetiva dos direitos humanos de todos os seus cidadãos, igualmente, com liberdade de religião e o domínio da Lei. Nas circunstâncias onde isso não acontece, apelamos para os líderes das Igrejas para, em Consulta com representantes do Estado, considerarem cuidadosamente, ensinando ao seu povo, a natureza e os limites da autodefesa coletiva, para assegurarem tanto a proteção às comunidades vulneráveis, quanto prevenir retaliações descontroladas.
40. Em cada situação conflitiva, a obediência bíblica significa amar. Devemos amar e sustentar a verdade acerca de Jesus, mesmo àqueles que percebemos como inimigos. Somente aos pés da cruz e no poder do Espírito somos capazes de assim proceder.
41. Quando o Evangelho se espalhou por Samaria em virtude da perseguição em Jerusalém (At.8), foi um resultado surpreendente que por meio do desalojamento provocado pela guerra e pelo conflito étnico (como a consignação de Igrejas em países para onde fugiram os refugiados,

exemplos que ouvimos de Gâmbia e Tanzânia). Jeremias disse aos exilados na Babilônia a buscar paz e prosperidade na cidade inimiga para a qual Deus mesmo os havia levado. Nós também podemos ouvir Deus dizer: “Eu conheço os planos que eu tenho para vocês, planos de prosperidade e não planos para feri-los, planos de lhes dar um futuro e uma esperança” (Jr.29:11).

## **Conclusão**

42. Concluimos a nossa Consulta com uma nota positiva de afirmação do nosso compromisso em construir uma rede de parceria multinacional entre indivíduos e Igrejas e cruzando fronteiras nacionais. As áreas particulares onde vemos o valor e o potencial para tais parcerias, e a necessidade de iniciativas urgentes, incluem:

- desenvolvimento de treinamento de excelência em liderança nas vários níveis;
- fraternidade no sofrimento, através da solidariedade pública, advocacia, pelas Igrejas que, em todo o mundo sofrem por vários motivos;
- manter cada um prestando contas a Deus, andando em obediência bíblica, seja quando somos desafiados pela idolatria ocidental, ou exaustos pelos conflitos violentos em sociedades caóticas. A EFAC pode ser uma força para ajudar as Igrejas e os bispos a manter a integridade na vida da Igreja e a governança em um mundo onde a corrupção é disseminada;
- o compartilhar de idéias, exemplos e encorajamentos, como uma maneira de superar o isolamento marginalizado de alguns, e o paroquialismo de outros.



43. O grande obstáculo para tal parceria, além das distâncias culturais e geográficas, está a ausência da verdade. Isso somente poderá ser superado por um tipo de relacionamento pessoal mais estreito, a escuta profunda e o compartilhar custos, que experimentamos com lágrimas e com alegria nessa Consulta.
44. Afirmamos as exortações combinadas de Gálatas.6:2 e 6:5. Devemos levar as cargas uns dos outros. E, ao mesmo tempo, cada um deverá carregar sua própria carga. Vemos, aqui, o modelo de parceria que temos almejado vivenciar na EFAC. Apoiaremos uns aos outros em amor. Ao mesmo tempo devemos assumir nossas próprias responsabilidades e resistir a dependência.
45. Saudamos os nossos leitores em nome de Jesus Cristo, quem nos chama a uma comunhão com Ele mesmo e nos envia em missão no poder do seu Espírito Santo. Em cada lugar representado em nossa Consulta temos visto Deus agir. Algumas vezes o seu agir é feito no meio do sofrimento agudo, mas sempre é presenciado pela alegria, à medida que o seu Reino avança e as promessas das suas Escrituras são cumpridas. A Consulta revitaliza a nossa gratidão pela maravilhosa diversidade do Corpo de Cristo, como se reflete na Comunhão Anglicana, a despeito das suas imperfeições. Esperamos aquele dia quando uma pluralidade infinitamente muito maior do que aquela que experimentando em Limuru, povos de cada tribo e língua e nação irão se reunir diante do trono de Deus para entoar louvores ao Senhor Jesus Cristo.

---

EFAC Internacional Limuru, Quênia,  
Julho de 2003



<http://igrejaanglicana.com.br>